

# A REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM “DEFOCADO” NO ROMANCE *BENJAMIM*<sup>1</sup>, DE CHICO BUARQUE

Cristiano Mello de Oliveira <sup>2</sup>

**RESUMO:** O romance *Benjamim* (2007), do escritor Chico Buarque revela um manancial frutífero para análise da conjuntura desfocada e desubjetivada da personagem Benjamim Zambraia. O ex-modelo fotográfico decadente percorre boa parte dos episódios do romance, apresentando uma forte desmotivação frente às circunstâncias da vida. O contexto histórico da década de 1990, tanto no caso brasileiro, como no estrangeiro, difundido em questões do meio pós-moderno é o palco da ambientação da narrativa. Avulta-se nesta obra um paralelo curioso e instigante ao pesquisador que deseja tecer novas considerações, a saber: a crise de identidade do sujeito moderno, a descaracterização e a desubjetivação do sujeito, enfim uma série de prerrogativas que endossam o desempenho paradoxalmente desfocado do homem pós-moderno. Como balizamento teórico, cada qual ao seu modo, iremos abordar: SCHOLLHAMMER (2009), ELIAS (2005), PELLEGRINI (2011), entre outros necessários para contemplação do tema. Objetivamos com essa investigação deixar algumas contribuições sobre o efeito do sujeito desubjetivado nos romances de natureza contemporânea.

**PALAVRAS CHAVE:** Desubjetivação; crise da identidade; Romance Brasileiro Contemporâneo; *Benjamim*; Chico Buarque.

## 1.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS

O crítico literário Karl Eric Schollhammer no seu ensaio *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009) adverte sobre o caráter desubjetivado das personagens dos romances: *Estorvo*, *Benjamim* e *Budapeste*, do escritor carioca Chico Buarque.<sup>3</sup> A tríade romanesca exemplificada pelo autor estabelece uma nova forma de raciocinar a ficção moderna no Brasil, especificamente o contexto histórico da nossa abertura política, logo após a saída do presidente deposto pelo Movimento dos Caras Pintada<sup>4</sup>. Schollhammer nos ensina que: “A perda de determinação e de rumo dos

---

<sup>1</sup> É árduo escapar de esmiuçar os escritos de Chico Buarque, especificamente o seu romance *Benjamim*, o qual mentor de um projeto literário contemporâneo significativo soube angariar forma e conteúdo no contexto da década de 1990. A nosso ver, ambas as tendências estéticas apontadas, age, no escopo do romance, de forma dialética, forma pela composição que foge a natureza mais tradicional e, conteúdo por diagnosticar a fragmentação do sujeito contemporâneo.

<sup>2</sup> Doutorando em Literatura - UFSC-Capes - E-mail: [literariocris@hotmail.com](mailto:literariocris@hotmail.com) - Desenvolve projeto de doutorado sob orientação da professora Dra. Rosana Kamita, intitulado: Literatura e História - A presença da metaficção historiográfica na obra *O Proscrito*, de Ruy Tapioca e *Desmundo*, de Ana Miranda”.

<sup>3</sup> Logicamente que o conteúdo desse ensaio precisa ser necessariamente relativizado pelo crítico/pesquisador, tendo em vista que o próprio pesquisador Karl Schollhammer não chega a aprofundar o adjetivo “desubjetivado” cunhado por ele para interpretar o caráter das personagens dos romances de Chico Buarque. No entanto, a nosso ver, diversas passagens do romance deixam nítido tal aspecto, a saber: atmosfera ambígua entre realidade e sonho por parte do protagonista, a fixação do mesmo por bocas de mulheres formando um sujeito obcecado, a repetição das cenas agindo ao estilo de um romance policial, sequência do enredo não linear, recorrência de vários flashbacks. Portanto, seu ensaio reflete apenas um impulso propulsor para nossa inspiração e conseqüentemente mote de nossa investigação. Enfim, salientamos que a linhagem teórica acompanhará a leitura dos fragmentos que será explorada no subitem 1.3.

<sup>4</sup> Sobre essa questão política o artigo *Ficção Brasileira Contemporânea: assimilação ou resistência?* (2001) da pesquisadora Tânia Pellegrini reforça nossa argumentação. “Além do mais, o pós-modernismo como fenômeno brasileiro reflete muitos dos traços, conflitos e dilemas da situação política específica que o país

personagens é uma característica que a prosa da década de 1990 iria prolongar, em narrativas que oferecem o indivíduo como um tipo de fantoche, envolvidos em situações que flertam com o inumano [...]”. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 33) Trata-se de erudição coberta de preocupações literárias instigantes e, ao mesmo tempo, constitui uma excelente sugestão investigativa para valorizarmos novas perspectivas na análise das personagens dos romances do ficcionista carioca. Embora o pesquisador Schollhammer, autor de vários ensaios, não evidencie elementos que caracterizam o efeito da “desubjetivação”, assim como as possíveis circunstâncias que dão forma a esses sujeitos, percebe-se que seu texto oferece desdobramentos que buscam o alicerce daquilo que será a característica cardeal na feitura do personagem Benjamim Zambraia, do romance *Benjamim* (1995) que nos interessa, em particular, analisar no desenvolvimento desse artigo.

Por uma perspectiva mais alusiva e ensaística, especificamente no contexto do jornalismo cultural, o crítico literário José Castello compõe um verdadeiro mosaico reflexivo sobre algumas características marcantes no romance *Benjamim*. Praticante do jornalismo cultural pelo país afora, Castello, nascido no Rio de Janeiro e radicado em Curitiba, adentra em algumas questões que versam o nosso interesse e mote dessa discussão. “*Benjamim* é uma história de pessoas vazias, duplicadas em imagens que as engolem e as substituem, numa velocidade destruidora, a um ponto em que elas deixam de saber quem são” (CASTELLO, 2012, p 74). Ora, as ponderações de Castello ressoam sobre a mesma perspectiva de Schollhammer, evidenciando ao modo do pesquisador o inócuo existencial representado nas personagens que percorrem o fio narrativo do romance *Benjamim*. Igualmente, Castello versa sobre o tratamento superficial captado e a falta de profundidade nas relações pessoais exploradas estrategicamente pelo escritor Chico Buarque, especificamente o contexto da identidade do sujeito contemporâneo. O crítico carioca ainda exemplifica para deixar claro sua posição. “É o caso de Benjamim Zambraia, o protagonista, um ex-modelo fotográfico, agora envelhecido e decadente, que vive de uma imagem que seu corpo físico já não pode sustentar e, no entanto, não parece dispor de outra com que possa substituí-la” (CASTELLO, Op. cit., p 74). Em suma, é através do segundo excerto que iremos movimentar o nosso exame dos fragmentos selecionados durante a nossa leitura.

## 1.2 – DESENVOLVIMENTO

Há dezoito anos, Chico Buarque de Hollanda publicava o seu segundo romance – *Benjamim*, 1995 -, em impressão bem acabada pela renomada Companhia das Letras.<sup>5</sup> A

---

atravessou nos últimos trinta anos: a ditadura, a abertura e a redemocratização, que geraram textos próprios, surgidos sobretudo do hiato representado pela suspensão das liberdades democráticas e pela censura.” (PELLEGRINI, 2001, p. 06) Encontramos nas reflexões dessa pesquisadora o aparato teórico para apresentar essa contribuição da literatura contemporânea atual. Apesar da escassez de estudos que versam tal diagnóstico, a autora citada alimenta novos matizes sobre tal perspectiva de análise. Portanto, ao pesquisador cabe aprofundar tais leituras, visando tecer novos rumos, problematizando aquilo que já fora comentado por ela.

<sup>5</sup> Músico e escritor extremamente conhecido trabalhando em várias esferas culturais pelo Brasil afora, futuro ganhador de prêmios literários famosos, morador da zona Sul carioca e filho do clássico historiador Sérgio Buarque de Hollanda, Chico Buarque foi responsável por erguer o conceito de literatura brasileira em plena década de 1990. Sobretudo, suas peças teatrais na década de 1960 ampliaram o diálogo com as outras formas de arte. Dessa forma, *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (1998), *Leite Derramado* (2009) são na sua maioria romances de linhagem contemporânea que trazem à tona a experiência dos sujeitos desfocados no território urbano das grandes metrópoles brasileiras. Toda essa conjuntura literária complexa aglomera as principais experiências dos acontecimentos e fatos

visibilidade foi notória, tendo em vista a profunda repercussão garantida na estreia do primeiro, *Estorvo* (1991). O escopo de ambas as narrativas seria as profundas questões do universo moderno, modificado e questionado pelas incertezas da vida, como já mencionamos. O romancista carioca dava sequência assim, a uma perspectiva que se estenderia aos seus próximos dois romances. No segundo romance em questão, o autor focará o aspecto característico do sujeito moderno. O protagonista Benjamim Zambraia precisa angariar novos horizontes enquanto modelo fotográfico, buscando o progresso individual, driblando as demais dificuldades da vida. Consequentemente o nome de Chico Buarque irá brilhar nas variadas estantes das livrarias em todo país, como bom entendedor da realidade contemporânea nacional, tornando-se propulsor e influenciador de outros romancistas. A crítica, de maneira geral, abraçou o romance *Benjamim*, que consequentemente veio a ecoar como um livro decisivo em sua produção artística, quer pela sua temática da fragmentação do sujeito, quer pelas discussões suscitadas no meio acadêmico, sugerindo novas tendências de análise. Portanto, o romance mencionado carece de uma leitura que explore o próprio protagonista enquanto sujeito alienado ao universo da beleza masculina, assim como sujeito desfocado da realidade a qual está submetido e circunstanciado.

Em linhas gerais, o romance *Benjamim* (2007) de Chico Buarque narra os anseios da vida de um ex-modelo fotográfico chamado Benjamim Zambraia.<sup>6</sup> O cenário da obra é supostamente estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, focando os diversos episódios da abastarda e elitista zona Sul carioca.<sup>7</sup> O protagonista carece de uma boa motivação para continuar seus afazeres de sua antiga profissão.<sup>8</sup> Zambraia sentiu-se torturado e estarecido pelo sentimento de culpa pela morte por fuzilamento da ex-namorada Castana Beatriz. Ele ao tentar espioná-la, seguiu-a inconscientemente e encontrou, nos anos 90, em Ariela Masé, que julga ser filha de Castana, as esperanças de reconstruir seu paraíso amoroso perdido. A estrutura do romance funciona de forma desregrada, tomando ares de uma atmosfera ambígua entre sonho e realidade, ou melhor, não mantém uma perspectiva tão organizada e linear, deixando o leitor mais tradicional em segundo plano. Sobre tal abordagem, boa parte da crítica literária assume que o romance possui uma forte característica cinematográfica, apresentando diálogos rápidos, conjugando episódios de

---

decorridos na nação brasileira em plena década de 1990, como já mencionamos. O três primeiros romances, em especial, representam movimentos daquela prosa caracterizada por advenços da modernidade. E não devemos nos furtar que recentemente o autor lançou no ano de 2009, o romance *Leite Derramado*. Portanto, a obra artístico-literária de Chico Buarque se desdobra em vários encontros e desencontros com a literatura brasileira e promove uma rediscussão do fazer literário contemporâneo, elucidando assim novas categorias para enxergarmos o imaginário ficcional.

<sup>6</sup> Sobre alguns aspectos das características das personagens nos romances de natureza contemporânea, especificamente o contexto situado entre os anos 1990 e 2004, como é o caso de *Benjamim*, o estudo de natureza estatística “A personagem do romance contemporâneo”, da pesquisadora Regina Dalcastagne versa sobre as principais tipologias (raça, sexo, profissão, status social, entre outros) das personagens que foram criadas nos últimos anos. Ao pesquisador interessado, caberia uma leitura mais aprofundada para fins de contextualização sobre tal perspectiva.

<sup>7</sup> Suponhamos que o cenário geográfico urbano no romance fora representado na capital fluminense, no entanto, é pouco notável a indicação de ruas, travessas, avenidas que relembre a parte mencionada da cidade. A título de exemplo poderíamos mencionar a localidade fictícia do Largo do Elefante, onde perpassa boa parte das andanças de Benjamim Zambraia. Embora quando o narrador mencione os vocábulos “cidade” e “subúrbio”, automaticamente ao leitor mais familiarizado deduzirá a dualidade geográfica urbana da capital fluminense. Cabe lembrar que o filme homônimo dirigido pela cineasta Monique Gardenberg enfatiza muitos episódios locados na cidade do Rio de Janeiro. Dentre eles, podemos destacar: Praia de Ipanema, bairro da Urca, Copacabana, centro da cidade.

<sup>8</sup> Sobre tal aspecto o crítico José Castello ainda salienta: “O livro de Chico Buarque trata não só da desfiguração do homem numa época de miragens e de clones e de protótipos, mas também da própria constituição da identidade que é sempre erguida sobre ilusões, sobre fantasias, sobre faíscas imaginárias.” (CASTELLO, Op. cit., p. 81)

natureza espontânea, rompendo o caráter mais tradicional, automaticamente produzindo cenas que sobressaltam tal conteúdo. “*Benjamim* é um romance de forte conteúdo sinestésico, sobretudo visual” (PACHECO, 2009, p. 02). Em suma, a estratégia do respaldo da abordagem cinematográfica apenas fortalece o grau imagético que o autor defendera desde a criação do romance, provavelmente visando adaptar o mesmo para filme, como acontecera anos adiante.<sup>9</sup>

Outro fator extremamente curioso no romance *Benjamim* foi a maneira estratégica que o escritor Chico Buarque confeccionou o narrador onisciente.<sup>10</sup> Este por sua vez apresenta-se enquanto fotógrafo do seu objeto, ou seja, o foco está diretamente centrado nas ações e acontecimentos que acabam perpetuando direções oscilantes a qual o mesmo não se compromete ao enredo da história narrada, mas sim em ampliar apenas a visão geral dos fatos.<sup>11</sup> Conforme salienta o jornalista Daniel Piza na orelha da própria edição do romance.<sup>12</sup> “Benjamim tem uma estrutura circular e polifônica habilmente construída [...]” (PIZA, 2007). Ora, o polifonismo apontado por Piza é facilmente notável, soando ares de elegância e sublimidade ao escopo do romance. Cabe lembrar que a polaridade Benjamim/adolescente e Benjamim/adulto percorrem todos os meandros narrativos do romance, por um lapso temporal de 30 anos. Não obstante, as narrativas se repetem, durante a articulação das diferentes retomadas, agindo como um recurso de enfatizar alguns fatos, ou melhor, o narrador extremamente desfocado em relação à profundidade dos mesmos.<sup>13</sup> Sobre tal aspecto o crítico Silviano Santiago nos ensina: “O narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si sua ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou um espectador.” (SANTIAGO, 1998, p. 39) Portanto, a habilidade da matéria narrada, assim como as perspectivas articuladas no desenvolvimento do romance por Chico surpreende aquele leitor menos preparado a tais narrativas.

---

<sup>9</sup> Um relevante estudo sobre o processo de adaptação da obra literária *Benjamim* para o filme homônimo foi realizado por Mariana Mendes Arruda. Para um maior aprofundamento ver: “Em cartaz, Chico Buarque” a adaptação do romance *Benjamim* para o cinema” (Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Universidade Federal de Minas Gerais)

<sup>10</sup> Logicamente que existem vários fatores interessantes e curiosos que circunstanciam o escopo do romance e, a nosso ver, corroboram para uma instigante lógica de originalidade criativa de Chico Buarque. A título de exemplo, a esdrúxula onomástica atribuída às personagens que certamente soou/soa estranho ao leitor mais tradicional, a saber: Alyandro, G. Gâmbolo, Ana Colomba, doutor Campocelste, Professor Douglas Saavedra Ribajó, entre outros. No entanto, concordamos em afirmar que, o mesmo leitor bem desejará saber sobre a formulação de tais personagens. E para não deixar o mesmo leitor inquieto o autor responde em entrevista publicada na revista *Isto é*, em dezembro de 1995. “Eu quis fugir de qualquer descrição naturalista. Ao contrário, procurei um certo efeito de estranhamento nos nomes de personagens e ruas que mantivesse o clima onírico do romance” (COMODO, 1995, p. 124-125)

<sup>11</sup> Sobre tal aspecto é interessante notarmos, soando extremamente sintomático, que o leitor do romance acaba tornando-se espectador das ações narradas, pois boa parte das cenas são apresentadas numa espécie de fluxo ininterrupto. Isto é, a carpintaria textual do romance fora confeccionada propositalmente por Chico Buarque, buscando, possivelmente, angariar uma nova forma de narrar tais episódios.

<sup>12</sup> Curiosidade à parte, o romance *Benjamim* contém vários extratos de natureza referencial alusiva. Circulam pelas várias páginas do romance, marcas registradas de toda forma e procedência, especificamente no meio mercantil. A título de exemplo, diversos excertos iluminam tal temática: “Bar-Restaurante Vasconcelos” (BUARQUE, 2007, p. 8); “Lamouche Modas” (BUARQUE, Op. cit., p. 23); “Cigarros Knightsbridge” (BUARQUE, Op. cit., p. 33); “Camisetas da Escuderia Manipur” (BUARQUE, Op. cit., p. 39), entre outros exemplos que enumeram o contexto contemporâneo.

<sup>13</sup> O crítico russo Mikail Bakhtin já tinha assinalado tal questão de forma magistral ao caracterizar o romance contemporâneo como gênero pluriestilístico. Segundo o autor: “O romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno, pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal. O pesquisador depara-se nele com certas unidades estilísticas heterogêneas que repousam às vezes em planos linguísticos diferentes e que estão submetidos a leis estilísticas distintas.” (BAKHTIN, 2002, p. 73)

Sobre a questão temporal das narrativas de natureza contemporânea, muitos teóricos afirmam que é extremamente complexo para um escritor conseguir lidar com as diferentes estratégias de formulação do tempo. Segundo o pesquisador Abílio Pacheco (2009), o enredo do romance *Benjamim* não chega a apresentar uma especificidade linear definida, ganhando ares assimétricos, tornando o leitor menos acostumado a uma escrita de livre associação dos fatos. Nesse sentido, Schollhammer reforça a difícil tarefa do escritor em lidar com aspectos da “presentificação” no escopo dos romances, tendo em vista a frenética cadeia de acontecimentos que ocorrem diariamente. Novamente teremos os ensinamentos do pesquisador Karl Eric Schollhammer: “Contrariando a historicidade moderna, o contemporâneo aponta para a simultaneidade entre tempos históricos em função da dilatação de um tempo presente extenso e em constante abertura para o passado que lhe é intrínseco” (SCHOLLHAMMER, 2007, p. 02). Trata-se de expandir o olhar daquele escritor que deseja angariar novos horizontes sobre uma possível estratégia da formulação dos tempos cronológicos no interior do romance. Em outras palavras, a concentração temporal representada em *Benjamim* além de fugir do tradicional, acaba funcionando como característica redutora na narrativa, sendo quase impossível determinar o lapso temporal (Benjamim adulto-Benjamim jovem) ao qual são apresentados os fatos.<sup>14</sup> E para complementar suas reflexões o pesquisador persiste: “Mesmo vivendo em um presente pleno de acontecimentos históricos, o contemporâneo produz a sensação de estarmos diante de um futuro incerto e ameaçador que de alguma maneira já se instalou, enquanto o passado invade o presente sob a forma de memórias, imagens, simulacros e índices” (SCHOLLHAMMER, 2007, p. 02). Em suma, ambos os excertos angariam novos horizontes sobre tal perspectiva de análise e juntos podem alavancar novos estudos sobre o aspecto temporal marcante nos romances de natureza contemporânea.

De forma consoante, sem engessar exageros, poderíamos ensaiar brevemente o estereótipo do protagonista Benjamim Zambraia com a ilustração do sujeito excêntrico estabelecido pela teórica canadense Linda Hutcheon, no seu clássico ensaio *A Poética do Pós-Modernismo* (1991). Segundo a autora, o romance pós-moderno não possui o compromisso de retratar aquilo que o liberalismo burguês realmente desejou realizar, ou seja, é na subversão das regras e dos valores tradicionais incrustados nos romances realistas que o romance moderno visa decompor e quebrar. Fruto de especulações consistentes sobre a literatura contemporânea com viés norte-americano e canadense, a autora visa no seu ensaio explorar alguns modelos de romances contemporâneos que possuem uma vertente feminista e colonialista. “O ex-cêntrico, o off-centro: inevitavelmente identificado com o centro ao qual aspira, mas que lhe é negado” (HUTCHEON, 1991, p. 80). Para a autora, o discurso do sujeito excêntrico teve como pressupostos o contexto histórico da década de 1960, definidos por critérios de raça, sexo, preferências sexuais, classe econômica, enfim um amálgama de conceitos que fogem do estereótipo tradicional

---

<sup>14</sup> Os parcos exemplos que aparecem no desenrolar dos episódios/acontecimentos apresentam apenas dados cronológicos que demarcam os horários das supostas gravações de estúdio ensejadas pelos personagens Benjamim Zambraia e G. Gâmbolo. “17:00 – gravação de programa eleitoral (estúdio de G. Gâmbolo); 18:30 – reunião com bancada do Partido (diretório regional do PDH); 20:30 – debate com os secundaristas (Colégio São Firmino); 22:45 – mesa-redonda (Rádio Primazia); 0:30 – júri de concurso de tango (Clube do Arco e Flecha); 2:00 – finanças: encontro com W. T. Jr. (local a definir).” (BUARQUE, 2007, p. 123)

estabelecido pela sociedade burguesa.<sup>15</sup> A nosso ver, seu estudo faz uma profunda alusão ao sujeito contemporâneo, ou melhor, versando aqueles que não estão no centro, circunstanciando a margem da sociedade, condizendo e perfazendo exatamente aquilo que o personagem Benjamim Zambraia, sujeito impulsionado pelo acaso das situações, exerce durante os episódios do romance.

A pesquisadora Ilma da Silva Rebello na sua dissertação *O eu estilhaçado e o nós interdito: as crises da identidade em Estorvo, Benjamim e Budapeste, de Chico Buarque* (2006), resgata de forma acurada algumas passagens dos romances. A autora analisa os três romances sob a ótica do indivíduo fragmentado e desorientado, vivendo o caos urbano do espaço carioca. O binômio identidade/sujeito predomina nos capítulos de sua dissertação, evidenciando uma preocupação por parte da autora nos procedimentos adotados. Seu estudo pauta pela averiguação contundente dos fragmentos que expressam melhor o direcionamento da fragilidade dos protagonistas frente à própria condição existencial. Isto é, a crise de identidades que tais sujeitos sofrem diante da variedade de opções que o espaço, o ambiente circunstancia nos seus afazeres. “Na ânsia de problematizar a complexidade do mundo as narrativas de Chico Buarque começam a pensar nas crises das identidades em sua relação com a criação literária.” (REBELLO, 2006, p. 10) Ora, neste excerto examinado a pesquisadora já demonstra bem nítida a envergadura que será diagnosticada nos três romances examinados. Outro fragmento exposto pela autora corrobora enfaticamente a discussão aqui tratada nesta investigação. “Nos labirintos dessa solidão voluntária, exclui-se também da vida, com o esfacelamento de si e a incomunicabilidade” (REBELLO, 2006, p. 42). Em suma, a pesquisa de Ilma enfatiza o percurso proposital ao tema trabalhado e propicia um olhar mais atento ao processo arqueológico do texto do romancista carioca, provocando novas elucidações aos futuros pesquisadores.

Outro estudo instigante sobre a mesma ótica de análise foi o ensaio *História do Brasil Contemporâneo* (1996), da ensaísta Ligia Cademartori. Sua pesquisa é uma acurada referência no campo da literatura na década de 1980 e 1990 - evidenciando um forte rompimento -, descortinando aquilo que seria o grande mote da literatura contemporânea em questão. O parentesco modernidade-cultura no Brasil democrático descortina e perpassa boa parte da sua análise. Via de regra, o ensaio de Cademartori oferta formulações amplas e curiosas, que têm o mérito de articular um debate relevante embora, em alguns momentos, a autora pague o preço da perda de uma possível compreensão histórica da mesma década, que proporcionaria um olhar mais profundo e discriminado sobre o assunto. Compartilhamos com o manancial reflexivo apontado pela pesquisadora, especificamente quando afirma que: “A ficção atual se tece na ausência de um grande projeto social ou político. Padece de esvaziamento do ideal e da ausência de expectativas estimulantes com relação ao futuro. A personagem dessa ficção sofre a fruição do imediato e do tangível.” (CADEMARTORI, 1996, p. 03) Ao engendrar todas essas características,

---

<sup>15</sup> Sobre tal aspecto o crítico literário Stuart Hall reforça nossas reflexões: “Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no fim do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduo sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” (HALL, 2005, p. 09)

direcionadas ao diagnóstico das personagens, a autora consegue abarcar novos horizontes investigativos para a realidade cultural brasileira da década de 1980 e 1990. Portanto, seu estudo evidencia o grande mal estar dos romancistas que atuavam nesse período, atribuindo o vazio e a falta de estratégias a longo prazo à possível fragilidade da narrativa dos romances exemplificados.<sup>16</sup>

No artigo *Ficção Brasileira Contemporânea: assimilação ou resistência?* (2001) Tânia Pellegrini aborda várias questões da discussão teórica sobre a prosa contemporânea. Navegando seu olhar no contexto de alguns teóricos renomados, a saber: François Lyotard, Terry Eagleton, Walter Benjamin, Linda Hutcheon, entre outros, a pesquisadora enverga seu direcionamento na abordagem das razões do termo pós-moderno. “Refiro-me à questão da pós-modernidade, da sua existência, definição, cronologia e aplicabilidade às letras brasileiras.” (PELLEGRINI, 2001, p. 01) Nessa manobra, a autora não parafraseia os autores de forma fácil, mas busca problematizá-los, comparando-os sobre vários aspectos e tendências. Outrossim, os pressupostos do termo pós-moderno são rastreados pela recusa de suas origens. “Como se vê, o termo foi cunhado e cresceu no interior da crítica de literatura e não da arquitetura, como afirmam algumas interpretações.” (PELLEGRINI, Op. cit., p. 01) Embora a pesquisadora não aborde nas suas exemplificações os romances de Chico Buarque, seu artigo ganha vulto expressivamente quando aborda as vicissitudes específicas do momento político que abriu as cortinas da prosa contemporânea brasileira. “O que cresce é a ficção centrada na vida dos grandes centros urbanos, que incham e se deterioram, daí a ênfase na solidão e angústia relacionadas a todos os problemas sociais e existenciais que se colocam desde então.” (PELLEGRINI, Op. cit., p. 06)

Remando no contexto ocidental europeu, no campo das ideias, o crítico britânico Ian Watt no seu clássico ensaio *A Ascensão do romance* (2007) disserta sobre a questão do individualismo crescente como forma de emancipação econômica do homem. Baseado nas leituras de alguns filósofos modernos (Locke e Pascal) Watt reconstrói através da análise de alguns romances uma espécie de premonição aos adventos do individualismo precoce estabelecido naquele sujeito que deseja angariar as riquezas existentes no mundo. Analisando a obra *Robinson Crusoe*<sup>17</sup>, do escritor Defoe, Watt chega à conclusão de que o homem abandona sua família para buscar aventuras e consequentemente prosperar na própria vida. “Na verdade esse ‘pecado original’ é a própria tendência dinâmica do capitalismo, que tem por objetivo não apenas manter o *status quo*, mas transformá-lo sem cessar.” (WATT, 2007, p. 60) Ora, o fragmento expõe nitidamente o raciocínio do autor em relação ao advento do capitalismo e da sociedade global como trampolim do

---

<sup>16</sup> Outro fragmento que merece destaque no seu estudo e que aqui soa extremamente de forma alusiva é a questão da falta de comunicação das personagens de natureza contemporânea. Segundo a autora: “Não é do que se trata nos textos contemporâneos. Neles as personagens estão sós por falência da comunicação. Não há ato de escolha, não há ganhos ou outra perspectiva de vida. E é essa incomunicabilidade, mais do que qualquer outro antagonista, que vai gerar o conflito amoroso e o desencontro entre os amantes.” (CADEMARTORI, 1996, p. 05)

<sup>17</sup> Sobre tal questão tomamos também a análise realizada por Norbert Elias no seu livro *A sociedade dos indivíduos* (1987), ao qual o autor se posiciona: “Essa história e essa rede humana estão presentes nele e são representadas, por ele, quer ele esteja de fato em relação com outras pessoas ou sozinho, quer trabalhe ativamente numa grande cidade ou seja um naufrago numa ilha a mil milhas de sua sociedade. Também Robson Crusoe traz a marca de uma sociedade específica, de uma nação e uma classe específicas. Isolado em sua ilha de todas as relações que tinha com elas, ele se conduz, deseja e faz planos segundo os padrões delas, e assim exhibe comportamentos, desejos e projetos diferentes dos de Sexta-Feira, por mais que os dois se adaptem um ao outro em virtude de sua nova situação. (ELIAS, 1987, p. 31)

individualismo contemporâneo. Não obstante, Watt salienta as incongruências da sociedade capitalista como um todo, expandindo o olhar transformador das engrenagens egoístas que regem tal perspectiva. Para terminar o autor conclui: “[...] o individualismo centralizou a atenção no isolamento do homem com relação a seus semelhantes, assim também o romance só pôde iniciar seu estudo das relações pessoais depois que *Robinson Crusóé* revelou uma solidão que as exigia.” (WATT, Op. cit., p. 83) Portanto, ambos os fragmentos corroboram para a discussão aqui empreendida, evidenciando o grau de individualismo que age de forma cancerígena no protagonista Benjamim Zambraia.

Sobre a questão do individualismo exarcebado nas grandes cidades e capitais, diagnosticado num contexto europeu, mais facilmente alusivo ao contexto brasileiro, o crítico Norbert Elias já alertara com bastante acuidade no seu livro *A sociedade dos indivíduos* (1987). O ensaio em questão versa sobre os principais pressupostos do papel da sociedade no comportamento do indivíduo e vice-versa. Não obstante, Benjamim, em vários momentos da narrativa, se depara com situações que ele poderia se comprometer socialmente como, por exemplo, na ajuda ao mendigo que passa despercebido diante dos seus olhos, já que seu universo interior está voltado para elementos do seu passado que tomam o espaço da sua vida presente. Retomando o ensaio, a dualidade entre sociedade e indivíduo perpassa todo o fio condutor do texto e o autor sublinha as dissonâncias existentes em tal problemática, interrogando e exemplificando tal questão. “A relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular. Não encontra analogia em nenhuma outra esfera da existência.” (ELIAS, 1987, p. 25) O primeiro capítulo, em especial, escrito em 1939, estabelece um profundo diagnóstico sobre as possibilidades da ascensão do indivíduo na sociedade moderna que, segundo o autor, a considera extremamente útil e necessária. “O que chamamos ‘individualidade’ de uma pessoa é, antes de mais nada, uma peculiaridade de sua funções psíquicas, uma quantidade estrutural de sua auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas.” (ELIAS, Op. cit., p. 54) Em suma, o excerto evidencia a defesa de Norbert e de forma alusiva aponta ao direcionamento do protagonista Benjamim Zambraia que numa ostentação individual acaba fechando seus horizontes nas suas funções psíquicas amorosas.

### **1.3 ANÁLISE DOS FRAGMENTOS DO ROMANCE *BENJAMIM***

Diga-se de passagem, podemos postular que Chico Buarque alimenta variados matizes da linguagem contemporânea, fazendo fluir uma narrativa apressada, ejaculada de frases rápidas, na qual leitor e escritor conseguem atingir uma verdadeira atitude amistosa. Conjuga-se, nesse universo individualista burguês ostensivo, representado pela imagem de Benjamim Zambraia, uma falta de perspectiva, objetividade, carência familiar, foco, desencadeando o vazio existencial que abrange aspectos da nossa contemporaneidade. “A personagem contemporânea vive ações irrelevantes, sofre de certa indefinição, é vazia de ideais e se move sem direcionamento” (CADERMATORI, Op. cit., p. 06). Nessa manobra, tal representatividade anunciada pelo protagonista acaba perfazendo temas de seu sofrimento interno e provocando uma espécie de

introspecção; não é à toa que Benjamim cria fobias e obsessões, como é o caso de observar as bocas de todas as mulheres que passam pelos seus olhos. Nesse sentido, Benjamim carece de uma possível orientação, que vistas em conjunto, corrobora para uma possível análise subjetivada do seu pensamento, construindo uma cadeia de ideias sobre tal perspectiva. A nosso ver, as diferentes etapas temporais contidas no frenético enredo do romance ratificam estrategicamente para o aspecto metamorfoseado das diferentes fases do protagonista. Sobre tal aspecto, novamente teremos as reflexões de José Castello. “Mas vivemos num mundo no qual só a superfície parece realmente importar e é desse mundo, exatamente, que trata Benjamim.” (CASTELLO, Op. cit., p 78)

Dentro dos variados fragmentos que compõem o acervo literário da obra *Benjamim* resolvemos oferecer maior ênfase àqueles que mais tematizam o nosso inicial recorte de investigação e análise: *o caráter desubjetivado e sem foco*. Como já mencionamos no início do artigo, o namoro dessa dualidade permite um maior respaldo interpretativo da própria personagem. Para efeitos de teorização, resolvemos dialogar tais excertos com o livro *A sociedade dos indivíduos* (1987), do sociólogo Norbert Elias. Acreditamos que a glosa e a interpretação dessas citações reclamam e contribuem para a expansão do esclarecimento do enredo do romance *Benjamim*. Tais temáticas clarificam-se, à medida que avançamos em nossa leitura, bem como as devidas interpretações em busca de nosso propósito. Uma análise mais detida mostrará que, neste romance é apresentada de maneira gradativa a fragilização do próprio protagonista frente às circunstâncias do seu cotidiano. Em um primeiro episódio, logo no início do romance, teremos algumas reflexões psíquicas do protagonista, pela volta ao passado na descrição do narrador. Vejamos os detalhes:

Com isso ganhou prestígio e beijou na boca muitas garotas, cujos ombros, orelhas e rabos-de-cavalo foram immortalizados em suas películas. O acervo de Benjamim também guarda dublagens de cantor de jazz, saltos de trampolim, proezas no futebol, brigas de rua em que sangrou ou se saiu bem e a sua estreia no sexo com uma senhora de idade (trinta anos, trinta e um, trinta e três), quando ele quase estragou a cena ao olhar para a lente. (BUARQUE, Op. cit., p. 07)

No excerto acima é facilmente constatável ao leitor o apreço vaidoso marcado pelo jovem Benjamim nas suas habilidades vocacionais, ou melhor, nas suas tentativas incertas de obter algum tipo de consagração com suas aptidões amorosas. A carga das frases distribuída pelos períodos longos, separados por vírgulas, carregadas de verbos no passado, ao qual são atribuídos parênteses, perpassa o imaginário narratológico da personagem, interagindo com uma perspectiva um pouco mais desafiadora no possível arcabouço contemporâneo a que está diretamente submetida. O aspecto excessivo da frenética individualidade de Benjamim aparece nítido neste, evidenciando as reflexões teóricas anteriores. De igual modo, o arquétipo do sujeito galanteador, emana contagiosamente daquele imaturo homem sem direção, ou melhor, daquele que “atira para todos os lados”. Na voz do narrador, o protagonista carece de uma profundidade ou simplesmente uma escolha certa naquilo que deseja alcançar. A consagração da vaidade é apresentada nitidamente na primeira frase e soa ares de prepotência e arrogância, deixando qualquer leitor desconfiado de tal façanha ou falta de modéstia. Por conseguinte, diante de outro fragmento

iremos verificar o caráter metamorfoseado do adulto Benjamim Zambraia, vasculhando as variadas pastas de fotos, tiradas na década de 60, alocadas no seu armário na busca incessante de encontrar pistas da sua amada obsessão pela sua vaidade.

Formam uma tapeçaria decorada com um elemento obsessivo, uma figura humana que muda de flanco, de dimensões, de roupa e de cenário, mas nunca de fisionomia, e essa figura é Benjamim Zambraia aos vinte e cinco anos. Acompanham-no aqui e ali coadjuvantes sortidos, difíceis de identificar numa visão geral. (BUARQUE, Op. cit., p. 22)

Aqui o estético aparece nítido e robustece a dinâmica retórica do próprio personagem. A pormenorização da indumentária exagerada/exuberante que parece ficar engasgada na voz do narrador angaria olhares complacentes com o mesmo orgulho que perpassa o pensamento de Benjamim Zambraia. O vocábulo “obsessivo” não é usado à toa pelo narrador, tampouco utilizado de forma retórica, tendo em vista que o mesmo perpassará quase todo o enredo do romance, perfazendo algo doentio ou quase mesmo vicioso. De todo modo, o fragmento revela a capacidade de Benjamim adulto num olhar nostálgico em sobressair com sua juventude premonitória ou simplesmente o desejo de ser jovem eternamente, situação complexa já que o protagonista carecerá desses anseios para perpetuar o sucesso de ser um modelo fotográfico.

O excerto adiante revelará ainda mais o mote aqui discutido, isto é, a falta de foco do protagonista na sua profissão, a falta de objetividade, o descompasso entre a vida profissional e a vida familiar. Neste episódio, Benjamim já tinha interrogado freneticamente todas as pessoas ao seu redor para tentar ao menos localizar a jovem Ariela. Vejamos os detalhes:

Hoje Benjamim acordou com a resolução de arranjar um trabalho, ganhar um dinheiro, fingir ocupar-se com outras coisas. Persuadiu-se de que a filha de Castana Beatriz prefere aparecer-lhe por acaso, como um foulard de seda; a ele cabe somente estar suscetível ao acaso. (BUARQUE, Op. cit., p. 35)

No trecho extraído é notório identificarmos o caráter vazio/desubjetivado, ou melhor, sem objetivos do próprio protagonista, caracterizado especificamente pelos pronomes indefinidos (Arranjar um, ganhar um). A falta de perspectiva por parte de Benjamim ocasiona sua própria fragilidade e empobrecimento de seu caráter. A constante obsessão que margeia as demais circunstâncias da vida de Benjamim acaba esfacelando outras visões que supostamente poderiam encontrar outras saídas. Ao que tudo indica, existe um trauma por trás disso, o qual pode ser facilmente revelado. Benjamim carece de uma companheira e uma profissão definitiva, situação um tanto complexa que precisa ser diagnosticada a tempo. A última sentença “suscetível ao acaso” comprova nitidamente a falta de comprometimento de Benjamim ao conteúdo profissional e social. O jogo aleatório e dispersivo complementa o simples contar com a “sorte” ou a própria “aventura” que dualiza a vida diária do protagonista. A dupla vocabular sugerida faz com que a vida de Benjamim seja eternamente arriscada, cria um diagnóstico sem objetivos, carecendo um olhar mais responsável e integrado à própria sociedade.

A nosso ver, o excerto refletido acima faz perfeita alusão ao contexto formulado/iluminado pelo crítico Norbert Elias, especificamente:

A oportunidade que os indivíduos têm hoje de buscar sozinhos a realização dos anseios pessoais, predominantemente com base em suas próprias decisões, envolve um tipo especial de risco. Exige não apenas considerável volume de persistência e visão, mas requer também, constantemente, que o indivíduo deixe de lado as chances momentâneas de felicidade que se apresentam em favor de metas a longo prazo que prometam uma satisfação mais duradoura, ou que ele as sobreponha aos impulsos a curto prazo. (ELIAS, 1987, p. 109)

A densidade moderna apontada pelo autor sugere novas regras de convívio, facilitando a fragmentação familiar tão presente nos romances de natureza contemporânea. Ao que tudo indica o autor Norbert Elias, parte da constatação de que há uma nítida compatibilidade no isolamento do indivíduo e do seu automático sucesso desejado. O maior problema é que isso nem sempre rema a favor das causas conquistadas pelo protagonista Benjamim. As razões individuais somam necessidades de escolhas e decisões, formando um homem cercado de dúvidas, egoísta, desfocado e desubjetivado, convivendo um conflito interno. Perturbador, no entanto, no estudo de Elias, é o emprego generalizado de suas afirmações, parco de exemplificações literárias, que mesmo assim se consagrou em um estudo referencial sociológico sobre o tema - individualidade, confinamento, egoísmo, autonomia nas decisões -, a qual substancia todo repertório trabalhado por ele no seu ensaio.

Concluindo nosso raciocínio, durante a leitura desses fragmentos verificamos que o narrador delegado por Chico Buarque não evidenciou apenas um certo diagnóstico da personalidade vazia e inócua de Benjamim Zambraia, e sim buscou chamar atenção para outras especificidades menos radicais. A nosso ver, o romance contempla as formulações teóricas apontadas anteriormente, ensejando um prolífico diálogo que persiste nas representações do sujeito que carece de um determinado objetivo, seja como homem integrado a uma determinada sociedade, seja como peça chave do seu próprio destino que, talvez, não fora esse por ele creditado definitivamente. Como salientamos no início do artigo, através do diálogo de alguns autores, o mote precursor do protagonista é percorrer “desfocadamente” os variados episódios contidos nesse romance, possibilitando uma fuga da realidade que não lhe é desejada ou simplesmente uma não aceitação daquilo que lhe é imposto. Em suma, o potencial da personagem Benjamim Zambraia está longe de ser esgotada, pois seu caráter e seu desempenho atuantes nas idas e vindas, ora como um jovem destemido, ora como um adulto melancólico sugerem sempre novas leituras e investigações.

## **ALGUMAS CONCLUSÕES**

Apreciamos o ensaio do pesquisador Karl Eric Schollhammer que retoma questões da literatura contemporânea, especificamente suas reflexões sobre a falta de “determinação e rumo das personagens”. Retomamos uma frase consoante no seu ensaio que enseja todo um rol de características daquilo que focamos neste artigo. “Personagens desubjetivados são levados por forças desconhecidas da fatalidade ou da coincidência, o que resulta num profundo questionamento existencial [...]” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 33) Em outras palavras, seu ensaio

provoca muitas contribuições a esse respeito, ensejando de forma problemática aquilo que seria característica primordial na confecção das narrativas pertencentes à linhagem contemporânea. Diante dessa contestação, somos convencidos a dizer que sem aprofundar conceitos e teóricos da modernidade, o romance *Benjamim* do carioca Chico Buarque forjou suas principais reflexões teóricas, cada qual ao seu modo, sobre o assunto no embate crítico com a obra de grandes ensaístas, como Karl Schollhammer, José Castello, Norbert Elias, Ian Watt, entre outros condizentes a essa temática. Não é à toa que o recente estudo de mestrado, citado em linhas anteriores, intitulado *O eu estilizado e o nós interdito: as crises da identidade em Estorvo, Benjamim e Budapeste, de Chico Buarque* (2006), da autora Ilma da Silva Rebello revela a importância da compreensão dos horizontes da pós-modernidade marcantes nos romances de Chico Buarque para o caso brasileiro.

O entendimento dessa escolha de abordar o universo pós-moderno por Chico Buarque cumpre um objetivo crítico frente à realidade nacional da década de 1990, como já mencionamos. Se *Benjamim* quer apresentar seu projeto de personagem desfocado e desubjetivado de forma convincente, necessita de um leitor em interação com tal proposta. É necessário que o leitor seja habituado ou medianamente informado diante do contexto da abertura cultural e política da mencionada década, identificando seus principais pormenores. Acreditamos que a grande chave de leitura para ler esse romance seria: a dualidade jovem/velho representado por Benjamim Zambraia apresentando os contrastes oscilantes de que a beleza nem sempre é eterna e fundamental. Essa escolha de enredo incorporado ao escopo do romance promovida por Chico não pode ser encarada como um mero oportunismo ou simples transposição de experiências já deflagradas por outros autores da linhagem contemporânea, mas sim como ponto fundamental das mudanças econômico-culturais ocorridos no Brasil.<sup>18</sup> O estilo do livro foi crucial para o sucesso desta estratégia. A título de comparação, as personagens estabelecidas nos romances de Rubem Fonseca, em sua grande maioria, já revelava a descentralização do sujeito moderno (Homens livres e isolados, sujeitos abandonados pela família, bandidos, policiais corruptos). Valeria a pena, portanto, ao pesquisador mais interessado, uma possível comparação que aludisse a tais personagens pelo viés do “brutalismo”,<sup>19</sup> assinalado e batizado pelo crítico Alfredo Bosi. Em suma, uma especificidade comparativa que renderia bons frutos nos estudos literários e sumariamente novas contribuições na academia.

---

<sup>18</sup> Novamente a estudiosa Ligia Cademartori assinala no fim do seu ensaio: “A época é de padrões instáveis, abalo de conceitos e confronto de valores. Há novas e interessantes expressões da literatura contemporânea em que se manifesta uma rejeição à descrição naturalista da realidade pela apresentação de singulares estados de consciência. As obras refletem de forma inevitável as expectativas de sua época.” (CADEMARTORI, 1996, p. 11)

<sup>19</sup> Alfredo Bosi. “Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo.” *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975, pp. 7-22. Neste, Bosi esclarece que o “brutalismo” na linguagem seria característica marcante na prosa do escritor Rubem Fonseca. Nos ensina Bosi: “A sociedade de consumo é, a um só tempo, sofisticada e bárbara. Imagem do caos e da agonia de valores que a tecnocracia produz num país do Terceiro Mundo é a narrativa brutalista de Rubem Fonseca que arranca a sua fala direta e indiretamente das experiências da burguesia carioca, da Zona Sul, onde perdida de vez a inocência, os ‘inocentes do Leblon’ continuam atulhando praias, apartamentos e boates e misturando no mesmo coquetel instinto e asfalto, objetos plásticos e expressões de uma libido sem saídas para um convívio de afeto e projeto. (BOSI, 1975, p. 18)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Mariana Mendes. **Em cartaz, Chico Buarque a adaptação do romance Benjamin para o cinema**. Programa de Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG. (Dissertação de Mestrado)

BAKHTIN, Mikail. **Questões de literatura e de estética. A teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BENJAMIM. **Direção de Monique Gardenberg**. Rio de Janeiro: Natasha Produções e Duetos Filmes. 2003. 108 min., color, DVD.

BOSI, Alfredo. **"Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo."** In: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975, pp. 7-22.

CADEMARTORI, Ligia. **Histórias do Brasil Contemporâneo. Cerrados**. Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura. Brasília: UNB. n. 05, ano 5, 1996.

CASTELLO, José. **Carrossel Luminoso**. In: FERNADES, Rinaldo de. (Org) *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

COMODO, Roberto. **Câmera invisível**. Revista Isto é, São Paulo, n. 1367, p. 124-125, 13 dez. 1995.

DALCASTAGNE, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Nr. 26 Brasília, Julho/Setembro, 2005.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Estorvo**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **Benjamim**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Budapeste**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Leite Derramado**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

REBELLO, Ilma da Silva. **O eu estilhaçado e o nós interdito: as crises da identidade em Estorvo, Benjamin e Budapeste, de Chico Buarque**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Dissertação de Mestrado. 2006.

SANTIAGO, Silviano. **Nas Malhas da Letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHOLLAHAMMER, Karl Eric. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **Para uma crítica do realismo traumático**. Brasília, Revista de Estudos de Literatura Contemporânea, UNB, 2007.

PACHECO, Abílio. **O(s) duplo(s) em Benjamin**. In Pacheco, Abílio. *Riscos no Barro: ensaios literários*. Belém: Edição do Autor, 2009. pp, 105-110.

PELLEGRINI, Tânia. **Ficção Brasileira Contemporânea: *assimilação ou resistência?***In: Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XX. Campinas: Mercado das Letras. Fapesp, 2001.

WATT, Ian. **A Ascensão do romance**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.